

SERRA-PILAR

7 de junho de 2015 | ano 41 | Tempo Comum, 10º domingo | 1914

No inventário dos dias dramáticos, aqueles que configuram sempre um alto grau de crueldade, olha-se a realidade com algum desdém, como se as histórias afluentes à desgraça fossem as histórias dos outros, coisas longínquas que às vezes parecem não atormentar ninguém, é assim decerto que se passam as coisas quando queremos ganhar um calo de indiferença, como dizia Edgar Morin, para suportarmos essas realidades que ensombram os quotidianos.



Ilustração de Zé Dalmeida

Bennedict, Morte a Sangue Frio

SÃO ACONTECIMENTOS SILENCIOSOS, QUE VIVEM NA SOMBRA DO ESQUECIMENTO, que a maior parte das vezes não mobilizam sequer a atenção dos jornais, pouco interessados, no seu jornalismo de secretaria, em seleccionar estas fatias da realidade onde cabem a vida e a morte, sobretudo a morte.

Soube então este pobre cronista a história de um puto de 17 anos, pequena figura com cadastro, que poderia bem, pelo seu carácter marginal, ir juntar-se, com as devidas distâncias, claro (a biografia do crime não envolve assassinatos) aos personagens de *A Sangue Frio*, o célebre romance de Truman Capote.

Chama-se **Benedict**, o jovem de dezassete anos, personagem real, dez reis de gente de carne e osso, que nasceu na Holanda, filho de mãe portuguesa. O Benedict veio para Portugal aos dois anos, viver para o Castaleiro, uma pacata freguesia do concelho do Sabugal, um microcosmos rural do interior português. Hoje, sabido o o percurso de Benedict, poderemos dizer que não teve nada a seu favor: nem família (nunca decerto conheceu o pai), nem afectos, e muito poucas coisas, para além do sol ou do frio, e da margem que nele foram sempre os passos daqueles que se tornam adultos e nunca foram meninos (no sentido de viverem as situações limite de ausência de liberdade e de vida). Nessa sua biografia marginal, de não ser como os outros, anota-se que aos oito anos foi a criança institucionalizada, isto é, atirada para aqueles espaços que antigamente se chamavam reformatórios e depois foram mascarados com outros eufemismos mais suaves e doces, mas onde as sombras de ausência de afectos ou amor são as mesmas de tempos idos. Então, a sua geografia levou-o aos estabelecimentos de reeducação, numa geografia que passou por Seia, Guarda, S. Fiel. A reeducação é, nestes casos, geralmente, tirocínio para o crime e a malandragem, numa aprendizagem que é apuramento de todas as marginalidades. Assim aconteceu, e não é caso virgem, como o Benedict, que desde criança ficou tão sozinho no mundo que (imagino eu, se imaginar se pode) os seus dias eram ele contra o mundo, entre grades, clausuras e muros, de onde às vezes nem se via o tal sol, que fora breve companheiro de infância desvalida. Entre reclusões e fugas, assaltos a casas, a velhos e a quem calhava, Benedict construiu a sua

biografia de larápio e de sujeito perigoso para a sociedade. Nestas andanças foi parar ao Estabelecimento Prisional de Leiria, onde cumpria prisão preventiva.

As grades e os muros mais densos, o quotidiano da prisão a pesar na cabeça -- e sou eu outra vez a imaginar -- o Bennedict a pensar que a sua vida não tinha saída, que os muros se levantavam cada vez mais fortes e altos entre ele e o tempo, entre ele e o sol, entre ele e os dias, que, lá fora, corriam velozes.

Um dia destes, Bennedict enforcou-se na sua cela da prisão de Leiria. Ninguém foi reclamar o seu corpo, ninguém da família -- família é como



quem diz! -- quis saber da morte do Bennedict. Grande problema para as entidades prisionais. Como é que vai ser enterrado? Como indigente? Parece mal, era tão novo! Irá ser sepultado a expensas da Segurança Social. Está resolvido o caso. O Bennedict, finalmente, tem alguma coisa de seu: quatro palmos de terra...

Enforcado, 17 anos. Arquite-se. Ponto final. Mas há sempre uma pergunta que fica: a vida ou o destino do Bennedict poderia ter sido diferente?

<http://www.fernandopaulouro.com/2015/05/bennedict-morte-sangue-frio.html>

por **FERNANDO PAULO RO NEVES**, é natural do Fundão, onde nasceu em 1947. Foi chefe de redacção do *Jornal do Fundão* e Director. Tem colaboração diversa em jornais e revistas, prefaciou livros de ensaio, poesia e de ficção e participou em obras coletivas sobre questões da realidade transfronteiriça. Pertenceu, por diversas vezes, à direcção do Sindicato dos Jornalistas e ao Conselho Deontológico, animou debates e participou em conferências, fez parte da Comissão Organizadora das Jornadas da Beira Interior e da Raia Sem Fronteiras. Escreveu, com Daniel Reis, "A Guerra da Mina e os Mineiros da Panasqueira", é autor do texto dramático "O Foral: tantos Relatos/Tantas Perguntas", e de um outro "Era uma vez Cerinêu...". Encontra-se representado no volume "Identidades Fugidias", coordenado pelo Prof. Eduardo Lourenço e na antologia "A Mãe na Poesia Portuguesa", organizada por Albano Martins. Publicou o livro de ficção "Os fantasmas não fazem a barba" e "A materna casa da Poesia – sobre Eugénio de Andrade". (ensaio) e recentemente o conto "Os Olhos do Medo". Dirigiu e colaborou em variados suplementos literários, presidiu ao Teatro das Beiras. Desde 2012 faz parte dos corpos sociais da fundação Manuel Cargaleiro.

Hoje, [1 de junho] dia Mundial da Criança? Não, é engano!

- Mãe?

- Hã?

- Hoje é o meu dia de levar lanche?

- É!, amanhã será o teu irmão...

- E posso dar um bocado ao Tiago?, ele no outro dia deixou-me dar uma dentada no pão que levava...

A mãe parou de varrer, encostou a vassoura e abraçou-o. Abraçou-o muito "Sim, claro que podes, desde que não fiques **tu com fome**".

“Está a criar-se uma nova geração de pobres”

Os novos números da pobreza do INE preocupam especialistas e instituições sociais.



Mais de um quarto das crianças em Portugal estão em situação de pobreza

“Se há quem ache que o país está melhor”, os números divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) nesta sexta-feira esclarecem: “Está a criar-se uma nova geração de pobres.” Quem o diz é Sérgio Aires, presidente da Rede Europeia Anti-Pobreza - Europa. Segundo o INE, o aumento do risco de pobreza abrangeu todos os grupos etários, mas foi mais elevado no caso dos menores de 18 anos — passou de 24,4%, em 2012, para 25,6%, em 2013.

Mais: “Os agregados com filhos são os mais pobres”, nota Sérgio Aires, que também é presidente do Observatório de Luta Contra a Pobreza na cidade de Lisboa. Mais alguns números: 38,4% das famílias monoparentais (definidas como “um adulto com pelo menos uma criança”) vivem com rendimentos abaixo do limiar de pobreza, de acordo com o INE. Um aumento, num só ano, de 5,3 pontos percentuais. Estes foram, de resto, os agregados mais atingidos. Os dados retratam a situação do país em 2013 [<http://www.publico.pt/economia/noticia/risco-de-pobreza-aumenta-e-ja-abrange-195-da-populacao-1684473>].

“Lendo estes dados com os números mais recentes do desemprego, que mostram um aumento do desemprego dos jovens, e sabendo-se que o emprego que está a ser criado é mal pago” e que, à conta “destes estágios que são criados para jovens”, se “acabam com postos de trabalho”, serão precisos, na opinião de Sérgio Aires, “uns 30 anos para voltar a repor os mínimos”.

Para além do desemprego, a redução do número de beneficiários de prestações sociais a que se tem assistido nos últimos anos ajudará a explicar o aumento da taxa de risco de pobreza. “E estamos só a olhar para o que piora. Mas entre os idosos, o cenário continua a ser mau” — 15,1% no grupo de 65 ou mais anos.

Lino Maia, presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS) ainda não analisou os novos dados do INE. Mas vai dizendo: “Infelizmente correspondem à sensação que temos.”

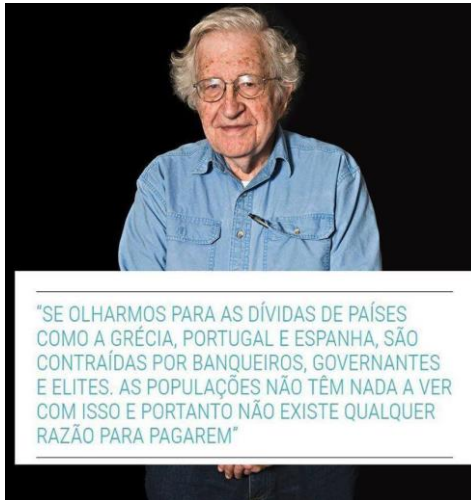
Dá um exemplo: nas creches e jardins de infância do sector solidário, muitos pais têm retirado os filhos, preferindo ficar com eles em casa, “embora as instituições particulares de solidariedade social façam preços adequados às situações e ninguém mande crianças embora quando as famílias não podem pagar”. Contudo, “os pais estão desempregados, não têm perspectivas de melhoria, acham que podem em casa dar uma boa educação aos filhos.” Para Lino Maia, “estas crianças ficam de facto mais pobres”, são “estigmatizadas”.

A pobreza infantil não é uma preocupação nova no país. “Mesmo nos períodos de redução da pobreza em Portugal, há um sector onde os resultados são praticamente nulos: a pobreza nas crianças e jovens. Se durante o período de queda das desigualdades os resultados se mantiveram quase iguais, neste período oposto têm aumentado imenso”, diz o especialista em desigualdades, exclusão social e políticas públicas, Carlos Farinha Rodrigues. “A taxa de pobreza das crianças já vai nos 25,6%. Este, para mim, é um dos factores de preocupação: hoje, as crianças e os jovens são dos sectores em maior fragilidade social, temos um quarto das nossas crianças e jovens em situação de pobreza.”

Andreia Sanches e Pedro Crisóstomo

PÚBLICO, (30/01/2015 - 18:42)

Avram NOAM CHOMSKY (1928) é um linguista, filósofo e ativista político norte-americano, professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.



Este país não é para novos, nem para velhos

AO FIM DE CINCO ANOS, DISSERAM-ME QUE O CURSO ACABARA. Fiquei sem bolsa de estudos e sem dinheiro. Tinha 22 anos. A cair de tesão. Sem um tostão para café ou tabaco. Mais seis longos meses à custa da família que pouco ou nada tinha. Bati a algumas portas de advogados. Estágio sim, mas gratuito. Requerimentos para aqui e para ali.

Num meio dia de princípios de Junho de 1971, recebi uma carta do Ministério da Justiça. Tinha um ofício que transcrevia um despacho do ministro, informava que me tinha nomeado Delegado do Procurador da República interino na comarca de Moimenta da Beira.

A minha vida de magistrado do Ministério Público durante cerca de 42 anos começou aí. Vivía ainda em Lisboa, numa residência universitária. Não tinha a mais ínfima ideia onde ficaria Moimenta da Beira.

Inquiri de um colega mais letrado. Terra de Aquilino Ribeiro, de *Quando os Lobos Uivam*. Livro proibido que lera às ocultas na faculdade.

Pousei em Moimenta num tarde tórrida de Verão de 1971, após dia e meio de viagens de comboio até à Régua. Depois carreira. Uma rua, poucas ruelas, um restaurante, o Tamariz, um edifício enorme a cair. Era o tribunal e outras repartições do Estado. No Verão, o meu “gabinete” era de um calor ofegante, povoado por milhões de moscas. No Inverno, um frio gélido, insuportável. Poucos fins-de-semana que a neve impedia o trânsito. Terra de gente simples. Quase todos pobres. Aquilino o descreveu muitas vezes.

Andei por lá uns dois anos. Numa solidão que enganava e amolecia de paleio com o juiz, os funcionários e advogados. Falava com os processos crime, os inventários obrigatórios, as investigações de paternidade, os processos de baldios e comigo. Não havia ninguém. Montanhas de pedras escuras, enormes, esvoaçadas por aves negras, também enormes. Metiam medo. Numa ou outra diligência a Sernancelhe, as pessoas recolhiam a casa, espreitavam pelos buracos feitos janelas. Com razão, que os do tribunal representavam ou eram mesmo o poder.

O Estado era certinho a pagar vencimentos.

Havia poucos descontos. Para a Caixa Geral de Aposentações (CGA), sempre. Nunca as Finanças se esqueceram, e bem, de descontar o que iria garantir a minha reforma. Quando chegasse a doente ou o calendário não me permitisse trabalhar com a mesma energia e produtividade.

Foi assim cerca de 42 anos. A remuneração do meu trabalho foi objecto dos descontos que a Lei determinou para a minha reforma. Era o mealheiro, o seguro de vida.

Nunca me passou pela cabeça que um Governo viesse trair o contrato que vigorou mais de 40 anos. Comigo e com milhões de cidadãos, que hoje me tratasse como se tivesse sido um criminoso ao exercer as funções que exerci. Inscrevesse no meu certificado do registo criminal um crime hediondo: “Pensionista”!

A rondar a delinquência, governos sucessivos usaram dezenas de anos a fio, às ocultas, como ladrão, os cofres da CGA para o que lhes apeteceu. Dela retiraram contribuintes. Não entregaram milhares de milhões na mesma como entidade patronal.

Responsabilizam os pensionistas pelo descalabro que criaram. Sempre ávidos e famintos de cortes e mais cortes nas pensões e reformas!

José Manuel Fernandes, de parceria com Helena Matos, escreveu que *Este País Não é Para Jovens*. Nem para velhos. É para mercados, bancos, swaps, parcerias público-privadas, perdões fiscais, clientelismos. Negócios sujos.

ALBERTO PINTO NOGUEIRA. Procurador-Geral Adjunto

Público, 17-02-2014

Menina de 12 anos...

HÁ NOTÍCIAS QUE NOS OPRIMEM ENTRE O NOJO E A INDIGNAÇÃO. Esquecemos o drama de 5 mil mortos e o desespero dos sobreviventes do Nepal, vítimas da fúria de um vulcão, os 700 mortos de muitos milhares, no Mediterrâneo, à espera de chegarem a terra, tragédias que a comunicação social nos serve diariamente, como se o nosso sofrimento pudesse aliviar as vítimas que exibem e nos comovem.



A menina de 12 anos, grávida do padrasto que dela abusava desde os 6 e a violava desde os 10, internada no Hospital de Santa Maria, traz no ventre cinco meses da gravidez que ignorava e, entre a ética e a lei, sofre a adversidade de quem nunca foi menina e a quem a felicidade está vedada.

Esta é uma situação em que não gostaria de ser médico, juiz ou membro da comissão de ética do hospital, onde não importa a exegese da lei porque, na pungência deste drama, é irrelevante a jurisprudência para quem o lacera a dúvida sobre qualquer decisão.

Há nesta tragédia, onde a pobreza e a sordidez se juntam, uma criança que gera outra na ignorância do corpo que nunca foi seu, na infância que lhe roubaram. Há na injustiça da criança em formação, a reprodução do martírio de quem nasce de gente errada, quiçá na cumplicidade materna e nos odores a álcool do padrasto que roubou a inocência a quem não se apercebeu de a ter perdido.

Eu, que julgo ter direito a uma opinião, em cada circunstância, sinto-me um naufrago à deriva sem saber que boia lançar às crianças que nunca tiveram pai nem mãe, filhas dos acasos da vida e da desdita dos pobres.

Carlos Esperança

<https://www.facebook.com/carlos.esperanca.1> (29-04-2015)